

“deus ex machina”

Daniel Lucrédio

“deus ex machina” – por Daniel Lucrédio

Pronúncia segundo o Alfabeto Fonético Internacional:

/ˈdews ˌɛks ˈma.ki.nɐ/

“...significa literalmente 'Deus surgido da máquina'... No teatro grego havia muitas peças que terminavam com um deus sendo literalmente baixado por um guindaste até o local da encenação. Esse deus então amarrava todas as pontas soltas da história.”

“...uma pessoa ou uma coisa que de repente aparece e resolve uma dificuldade aparentemente insolúvel.”

“A tragédia grega de Eurípides era notória em usar este dispositivo na trama.”

“Exemplo (de *deus ex machina*) em uma trama no cinema: Em ‘Superman - O Filme’, o super-homem faz o tempo regredir voando ao redor do mundo até que este começa a girar ao contrário. O super-homem é supostamente rápido, mas não há evidência de que ele poderia voar tão rápido antes. Por exemplo, se ele pudesse, ele seria capaz de parar ambos os mísseis.”

Fonte:

Wikipédia, a enciclopédia livre: “Uma enciclopédia livre que está a ser construída por milhares de colaboradores de todas as partes do mundo.”

“deus ex machina” – por Daniel Lucrédio

Capítulo 1

A forte luz branca deixava o piso frio com um aspecto limpo e espelhado. Podia ver em detalhes as grandes placas de cerâmica que quase se tocavam, deixando pouco espaço para o rejunte branco, formando um chão praticamente liso e contínuo. Os azulejos até o teto pareciam igualmente bem colocados, de forma que a sala em que se encontrava se assemelhava a um largo corredor de hospital sem janelas.

Não fazia ideia de quanto tempo tinha se passado desde que foi trazida para esse local. Encontrava-se sentada em uma cadeira plástica em frente a uma pequena mesa de madeira situada no canto da sala. Algemada e cansada de gritar para o vazio pedindo em vão por explicações, pouco podia fazer senão examinar o local e pensar nos motivos que a levaram a estar ali. Tinha um péssimo pressentimento do que iria acontecer, pois havia uma segunda mesa na sala, mais ao centro, acolchoada e revestida em plástico marrom-claro, que lhe chamava a atenção. Cintas feitas de um grosso tecido preto com fivelas prateadas pendiam de vários lugares e dos cantos da mesa. Sua visão lhe causava arrepios.

Ainda estava usando o blazer e saia pretos com o símbolo da agência de viagens na qual trabalhava, e da qual havia saído apenas minutos – ou horas, não sabia ao certo – atrás. Seu escapulário de prata, presente da mãe, pendia de seu pescoço sobre o lenço vermelho que normalmente usava em forma de gravata, mas que agora estava frouxo, incapaz de cobrir totalmente a gola entreaberta da camisa social branca que completava o vestuário padrão dos funcionários da agência.

Foi justamente pela joia que temeu quando foi assaltada ao entrar no banheiro do metrô. Tinha muito apreço pela peça dedicada à Nossa Senhora. Na verdade, achava que se prendia de forma exagerada à memória de sua falecida mãe, e não queria se desfazer de uma das únicas lembranças que herdara. Havia outras, é claro, mas essa era a única que fazia sentido, um lembrete de quanto a amava.

Num primeiro momento, achou que os homens que a abordavam eram atores contratados para lhe pregar um susto. Os homens estavam bem vestidos. Um deles agarrou sua mão direita, enquanto o outro puxou rapidamente o lenço que lhe cobria o pescoço. Foi devido a esse movimento que logo pensou no escapulário. Certamente alguma de suas amigas achou que seria divertido dar sumiço na joia que todos sabiam lhe ser tão cara. Encenações e brincadeiras desse tipo às vezes aconteciam entre o pessoal da agência.

Além disso, assaltos eram coisa muito rara em São Paulo, e quando aconteciam, normalmente era em locais mais afastados. Quase sempre se tratava de um maluco ou doente mental sem condições ou interesse em trabalhar para ganhar a vida, e que invadia alguma fazenda em busca de comida ou um pouco de dinheiro. Na verdade, não se lembrava de ter visto algum crime desse tipo nos jornais da cidade nos últimos meses.

Mas logo viu que se tratava de algo mais sério. Sentiu uma leve picada no pescoço, e percebeu que os homens não faziam nada senão segurá-la com força. Sentiu-se aterrorizada enquanto lhe esvaía a consciência. “O que está acontecendo?! Será que... o aviso!”, pensou antes de seus olhos serem fechados com força pelo rápido efeito do soro que lhe tinha sido injetado.

- Isabel Nogueira da Anunciação! - foi seu nome, pronunciado por uma voz às suas costas, que a trouxe de volta das lembranças recentes.

Virou-se para ver um homem alto entrando na sala. Tinha cabelos bastante curtos, e estava vestido com um terno preto liso, sem detalhes. Devia ter pouco menos de quarenta anos, e chamou-lhe a atenção seu aspecto cansado, de alguém já no fim de um longo dia de trabalho. Mas a gravata ausente e o colarinho aberto lhe diziam que, apesar do aparente desejo de ir para casa, o homem estava prevendo que iria passar mais algum tempo ali.

Trazia na mão uma cadeira de plástico idêntica àquela em que Isabel estava. Ela não reparou enquanto o homem a

colocava atrás da mesa e se sentava, pois seus olhos se desviaram rapidamente para outras três pessoas que entraram em seguida. Com trajes completamente brancos e semblantes impassíveis, dois homens e uma mulher traziam consigo um carrinho carregado de vários instrumentos de metal que lhe pareciam utensílios de um dentista.

- Senhorita, por favor! – disse o homem.

Isabel se virou novamente para encará-lo. Notou que seus curtíssimos fios de cabelo tinham um tom acobreado. Viu-o abrir uma gaveta que não havia percebido até então. Da gaveta viu sair uma pasta azul, que continha várias folhas de papel mal organizadas. O homem rapidamente as folheou e retirou uma, na qual pousou os olhos por algum tempo. Em seguida, começou a falar:

- Senhorita Isabel! Em primeiro lugar, gostaria de lhe pedir desculpas pela forma que foi trazida aqui. Ambos sabemos que era o único modo, já que dificilmente a senhorita aceitaria um convite formal, não é mesmo? Mas mesmo assim, violência é algo abominável, qualquer que seja o motivo!

- Quem é você? Por que estou aqui? – vociferou Isabel.

- Meu nome é Matias, e trabalho para a polícia. Não posso lhe informar mais do que isso. Quanto à sua segunda pergunta, tenho a impressão de que você sabe até mais do que eu.

Isabel pensou por um momento sobre o que Matias estava tentando sugerir, mas logo se distraiu com um barulho atrás de si. Virou-se para ver aquelas pessoas de branco próximas à mesa no centro da sala, manuseando o carrinho e manipulando os instrumentos metálicos. Sentiu um peso no estômago.

- Veja, – continuou Matias, chamando-lhe a atenção novamente – eu sei porque estou aqui, e sei o que tenho que fazer. Agora, os motivos reais que levaram os meus superiores a emitir a ordem para sua... entrevista, acho eu nunca saberei.

Isabel continuava sem dizer nada. Receava – não, tinha certeza agora – saber exatamente de que se tratava aquilo tudo. Matias continuou a falar:

– Mas na verdade eu acho que nem quero saber! Eu realmente não entendo qual a razão para as atitudes de algumas pessoas. Faz dez anos que estou aqui, nessa função. Já passaram por esta sala dezenas de pessoas que são aparentemente normais, como você. Vidas normais, salários dignos, famílias com saúde. O mundo realmente é um ótimo lugar para se viver, você não acha? Você, por exemplo, trabalha em uma... – parou enquanto deu uma olhada para a folha em suas mãos – agência de viagens, não é?

– S-Sim. – gaguejou.

– E você... me desculpe, estou chamando-a de você, tudo bem a gente conversar assim? – perguntou Matias, com um olhar que lhe pareceu genuinamente bondoso. Mas novos sons metálicos ecoando pela sala tornavam essa imagem estranha e distorcida.

Isabel não respondeu. Matias suspirou e continuou:

– Você tem vinte e seis anos, um lindo apartamento na cidade, próximo ao seu trabalho, seu salário é... – olhou novamente para a folha – minha nossa, muito bom, parabéns! Tem um carro conversível, que aliás é perfeito para desfrutar o ar puro da nossa cidade. Viaja bastante... Nas suas últimas férias estive visitando Praga! Linda cidade, já estive lá!

– Por que está me dizendo essas coisas? O que quer de mim?

Matias voltou a lhe entregar um olhar de preocupação.

– O que eu preciso saber eu já vou falar em alguns instantes. Mas o que eu realmente quero saber é: o que há de errado com você?

– Hã? – Isabel não esperava essa pergunta. Estava ainda tentando descobrir o motivo daquela estranha conversa, quando Matias continuou:

– Todos nós ouvimos e lemos histórias do passado, quando as pessoas precisavam lutar para melhorar o mundo.

Aliás, antigamente falava-se em “mudar o mundo” como sinônimo de “melhorar o mundo”, você sabia? Imagine só, um mundo onde as chances de se piorar alguma coisa eram tão poucas que eram praticamente ignoradas na fala das pessoas!

- Pois bem, - continuou - por que razão você e seus companheiros insistem em, como vocês mesmos dizem, lutar cegamente?

Essas palavras despertaram na memória de Isabel a imagem de sua mãe, agonizante, e da última frase que ouviu de sua boca: “Lute, mesmo que não consiga ver contra quem!”.

- E-eu... - a breve hesitação não passou despercebida por Matias, que retribuiu com um sorriso enigmático. Interrompeu-a enquanto tentava balbuciar algo, dizendo:

- Não existe inimigo! Não há motivos para lutar! Há décadas não se fala em guerra em lugar nenhum do mundo. Por quem vocês lutam?

Isabel finalmente conseguiu articular uma resposta coerente:

- Olha, senhor, eu realmente não sei do que está falando. Eu não estou lutando por ninguém, e nem contra ninguém. Levo uma vida normal, não sei quem são esses companheiros a quem se refere. Provavelmente te mandaram me pegar por algum motivo que nem eles mesmos sabem, ou por alguma informação errada. Tenho poucos amigos, provavelmente nessa pasta aí você tem tudo da minha vida escrito. O que você quer de mim?

Matias franziu a testa, e então disse, parecendo realmente interessado em explicar seu comportamento:

- Bom, realmente, nossa polícia é às vezes exagerada. Eu pessoalmente acho que chega a ser neurótica com essas coisas de investigação das pessoas e antiterrorismo. Eu mesmo, infelizmente, já cometi enganos e já me arrependi em algumas situações onde tive que desempenhar minha função, somente para descobrir, no final, que a informação que possuía estava incorreta. Isso acontece às vezes, pois a quantidade de informações que existe atualmente é enorme. Praticamente tudo que as pessoas fazem deixa registro em

algum lugar da rede. Mas no seu caso, há uma forma simples de verificar. Com licença!

Matias levantou-se e dirigiu-se ao lado da cadeira onde Isabel estava sentada. Abaixou-se, provocando certa apreensão na moça, e por um momento parou. Mas logo continuou o movimento, colocando a mão em seu pé esquerdo e retirando-lhe o sapato. Através da meia-calça transparente, revelou-se a tatuagem que Isabel havia feito aos quinze anos. Um desenho em forma de símbolos no estilo tribal, que circundava todo o tornozelo. Duas pequenas elipses pretas, posicionadas de forma a se tocarem levemente, se destacavam do desenho.

- Está vendo? - disse Matias - como eu disse antes, dezenas de pessoas já passaram por esta sala, e em alguns casos, a informação era falsa, como acabei de lhe confessar. Mas em todos os casos onde essas elipses pretas estavam presentes, havia algo a ser descoberto. Bastava procurar um cordão, anel, brinco ou, no seu caso, uma tatuagem.

Ainda abaixado, levantou o braço para retirar da pasta azul outra folha de papel, uma foto que Isabel imediatamente reconheceu, pois estava em seu mural na rede social online. Havia sido tirada por sua prima Maria durante o último feriado que passaram na praia. Na foto, aparecem dois pares de pés descalços na areia, ao lado de duas latas de cerveja enterradas. Em um dos pés, a tatuagem de Isabel está claramente visível, assim como as elipses pretas.

- Mas eu nem sei o que significa isso! Minha mãe tinha uma tatuagem assim, e sugeriu que eu fizesse uma também, para que ficássemos iguais!

- O verdadeiro significado dos símbolos eu também não sei. - disse Matias ao se levantar - Podem ser feijões mágicos, olhos de um extraterrestre, pouco me importa. O que significa, para mim, é que você esconde algo. Três palavras, para ser mais exato. Quero que você me diga quais são.

Era verdade. Esse homem, de alguma forma, sabia de tudo. Isabel sabia quais eram as palavras, pois a mãe tinha

feito que as decorasse. Nunca soube o motivo, mas agora tinha certeza de que não deveria revelá-las de forma alguma.

Matias olhou para o relógio, e em seguida dirigiu-se aos colegas:

- Pronto?

- Sim! – a mulher de branco respondeu.

- Senhorita Isabel, – continuou, sentando novamente na sua cadeira e guardando a pasta na gaveta – vou lhe explicar como funciona a entrevista que irei fazer com você.

Fez sinal para que um dos homens lhe trouxesse algo. Mostrou um pequeno objeto metálico para Isabel:

- Isto é uma seringa hipodérmica muito pequena e fina. Posso enfiá-la agora mesmo na sua pele e você não vai sentir praticamente nada. Ela tem um pequeno motor em uma extremidade, está vendo?

Matias não esperava uma resposta, portanto continuou:

- Pois bem, isto aqui – mostrou outro objeto, uma minúscula ampola de vidro contendo um líquido opaco amarelado – é um veneno sintético desenvolvido por... bem... não sei quem fez isso! É feito com base em um composto extraído de algum tipo de inseto, uma formiga amazônica, se não me engano. A versão natural causa dor intensa e delírios por várias horas, mas sem deixar efeitos colaterais. Alguns índios usavam esses insetos em rituais de iniciação. A versão sintética, esta aqui – e chacoalhou a ampola – é igualmente dolorosa, também sem efeitos colaterais, e de ação rápida, durando apenas alguns segundos. E ela não causa delírios.

Isabel ouvia atentamente. Ofegava e tremia a cada palavra da explicação.

- Vamos fazer o seguinte: vamos colocar... bom, na verdade ela vai – apontou para a mulher de branco – várias dessas seringas em contato com seu corpo. Nem sei quantas, mas os locais são precisamente predeterminados. Traga o esquema, por favor! – disse à colega.

Mostrou a Isabel uma representação do corpo humano com vários pontos destacados. Devia haver cerca de vinte pontos, alguns dos quais lhe causaram pânico imediato.

– Atrás da orelha... Entre os dedos dos pés... Embaixo de uma das unhas das mãos... Ah, esse é o pior, segundo me disseram: dentro das narinas – disse Matias enquanto devolvia o papel ao homem.

– Bom, uma vez preparada, o procedimento é o seguinte. Você terá oportunidades para falar. Cada oportunidade irá durar trinta segundos, que é mais do que suficiente para dizer as três palavras. Eu sei que são sílabas com sons bastante fáceis de serem memorizados, portanto acho que conseguirá dizê-las sem dificuldade.

– Após cada oportunidade, sua boca será fechada e você não poderá falar por um certo tempo. Os intervalos são crescentes, começa com cinco minutos, depois sobe para treze, vinte e sete... Não sei exatamente qual a lógica dessa sequência. Também não sei até quando ela vai, pois nunca precisamos passar de alguns minutos. – disse, com um olhar grave para Isabel.

Isabel ouvia as explicações atentamente, tentando dar sentido àquilo tudo. Matias pronunciava as palavras como se já houvesse feito aquilo dezenas de vezes. O nível de detalhes também lhe pareceu estranho, certamente ensaiado para provocar ansiedade e medo. Estava funcionando.

Matias continuou:

– Durante esses intervalos, os motores acoplados às agulhas serão acionados, injetando poucas quantidades do veneno, seguindo uma ordem também precisamente calculada. Não irão causar ferimento ou dano permanente. Está entendendo?

Isabel não conseguiu dizer nada. Sua boca estava seca e ela estava tremendo. Matias não esperou por resposta, e Isabel suspeitou que a pergunta fizesse parte do ensaio.

– Sugiro que, durante as injeções, você se concentre nas palavras, nas sílabas, em seus sons. Pense em quais músculos terá de mexer para pronunciá-las de forma clara. Ajuda a

passar o tempo, assim elas sairão mais facilmente. Alguma dúvida?

Antes que Isabel pudesse pensar em responder, Matias acrescentou:

- Ah, esqueci de lhe dizer o mais importante! Depois que você nos disser as palavras, irá levar um tempo para podermos verificar se são as verdadeiras. Você será nossa hóspede enquanto isso. Depois que forem confirmadas, você será liberada. Levaremos você até sua casa, se preferir.

- E se não forem as corretas? – Isabel perguntou.

Matias deu um sorriso triste, antes de responder:

- Simples, você volta para cá.

Matias retirou do bolso um relógio e disse:

- Sua primeira oportunidade para falar começa... agora! – e acionou o cronômetro.

Isabel travava uma luta consigo mesma. Sabia que não deveria revelar o segredo de sua mãe. Não sabia muito, mas pelo que sabia, ela havia morrido defendendo-o. Os detalhes da “entrevista” também eram de certa forma animadores. Não sofreria danos permanentes, somente dor. Talvez conseguisse suportar até eles desistirem.

- Tempo esgotado!

Nesse momento, os homens colocaram uma forte fita adesiva na boca de Isabel, impedindo-a de falar. Soltaram suas algemas, mas continuaram segurando-a firmemente enquanto a levavam para a mesa. Matias disse:

- Nos vemos em cinco minutos!

Capítulo 2

Durou mais do que cinco minutos.

Ou pelo menos assim lhe pareceu. A memória daqueles momentos tornou-se obscura assim que proferiu as três palavras há tanto memorizadas. O fez gritando, alto, depressa e repetidamente, tão logo a fita adesiva foi retirada de sua boca depois de uma das sessões. Foi a segunda sessão? Terceira? Quinta? Não conseguia se lembrar. Foi levada para uma cela fracamente iluminada, que dispunha de uma confortável cama na qual agora se encontrava deitada. Não se lembrava como, mas estava vestida com um pijama branco macio, e a cama estava quente como se ali estivesse há algum tempo.

Sua mente, em culpa, lutava para juntar os lapsos de memória que testemunharam a revelação do segredo da mãe. Pareciam fragmentados, mas ainda figuravam nítidos em sua mente. Primeiro houve uma breve luta corporal enquanto os homens a despiram e afivelaram as cintas pretas, amarrando-a firmemente à mesa; depois a humilhação e o desespero de se ver completamente imobilizada e sem poder emitir som algum com a boca; houve também a demorada colocação das agulhas; e por fim, lembrava-se da dor excruciante que sentiu durante as intermináveis sessões de injeção do veneno da tal formiga.

Nesse enevoado pesadelo de lembranças amargas, uma imagem ficou gravada mais vividamente. Um grande relógio havia sido colocado em seu campo de visão. Inicialmente, marcava três-zero-zero, e Isabel logo percebeu que ele marcaria o número de segundos de cada sessão. Os números eram mostrados em um vermelho muito intenso, de forma que mesmo fechando os olhos ela podia vê-los gravados em sua retina. Isso acabou causando outro efeito terrível: se tentasse ficar de olhos fechados para melhor suportar a dor, veria os mesmos números congelados por vários segundos, dando a impressão de que o tempo estava parado e que a tortura não teria mais fim. Tinha que lutar para ficar de olhos abertos e poder literalmente ver o tempo passar.

Parte da culpa de sua traição não estava na dor em si, mas na estranha sugestão de Matias. Pensar no som das palavras e treinar mentalmente o movimento dos músculos para pronunciar suas sílabas realmente parecia aliviar a dor e acelerar o imenso relógio vermelho. Por outro lado, isso fez que as palavras fossem expulsas de sua boca automaticamente, sem qualquer ordem direta do cérebro. Matias conhecia muito bem o poder de suas ferramentas de “entrevista”.

Era à figura desse homem alto que seus pensamentos agora se dirigiam. Era um pouco mais velho do que ela, mas seu rosto emanava um aspecto bastante jovial, principalmente por causa dos olhos, que lhe conferiam um certo ar de ingenuidade. Achou-o bonito, e talvez por esse motivo tinha tido uma impressão errada, mas seus instintos lhe diziam que Matias parecia ser genuinamente bondoso em suas feições, gestos e palavras. Por outro lado, não era difícil imaginar que devido à sua profissão ele tinha provavelmente desenvolvido tais características de forma proposital, visando aumentar seu poder de persuasão.

Ele certamente era bem informado, mas não parecia saber as razões fundamentais que circundavam esse episódio. Seria verdade o que dissera antes? Que provavelmente Isabel sabia mais sobre aquilo tudo do que ele próprio? Se assim fosse, por que ele não buscou extrair cada detalhe de informação durante as sessões de tortura? Ele definitivamente tinha o equipamento necessário. Bastaria perguntar, e Isabel lhe revelaria toda sua vida, ainda que – pensou – não houvesse nada de importante a ser dito. Mas Matias se limitou ao que lhe foi solicitado pelos seus superiores, quem quer que estes fossem. Parecia não se importar com nada além de sua obrigação.

Seu questionamento sobre a motivação das pessoas com as quais teve de lidar naquela sala branca eram sem dúvida pertinentes. Na verdade, Isabel se perguntava a mesma coisa há anos. Por que algumas pessoas ainda insistiam em encontrar motivos para guerrear? Porque ela – sua própria mãe – insistia naquela “luta cega”?

Já fazia algum tempo desde que o planeta tinha testemunhado o fim as suas principais disputas, por terras, recursos, religiões e outros conflitos. Era agora difícil conceber uma época na qual as pessoas não conseguiam viver em uma harmonia sustentável. Mesmo no Brasil, onde o desenvolvimento demorou um pouco mais para alcançar os níveis mundiais, as pessoas não mais se lembravam de um tempo onde havia pobreza e fome generalizadas. Até pessoas que realmente conviveram com os últimos resquícios de analfabetismo pouco falavam sobre problemas que assolaram a humanidade por muitos séculos.

Mas sua mãe definitivamente achava que havia algo de errado. Mantinha contatos com dezenas de pessoas que pareciam compartilhar sua opinião. Por diversas vezes havia tentado explicar o assunto à filha única, mas Isabel nunca se interessou. Eles faziam parte de uma organização, e se autodenominavam “cirurgiões”. Estranhamente trocavam quase toda sua correspondência através de correio físico, e não eletrônico como a maioria das pessoas. Foi por meio de uma carta que Isabel acabou entrando no mundo sombrio de sua mãe:

– Mamãe, o que é leucotomia? – perguntou certa vez Isabel.

– Onde você aprendeu essa palavra, Isa? – respondeu sua mãe, usando o apelido que sempre adotava ao falar com a filha.

– Eu vi nessa carta que estava em cima da mesa. Por que vocês conversam com cartas, afinal?

A mãe de Isabel rapidamente tomou-lhe o papel das mãos, e lhe disse, de forma misteriosa:

– Temos uma tarefa a cumprir, Isa. Mas não podemos falar sobre isso, e não podemos revelar do que se trata. Por isso, usamos um nome em código.

– E que tarefa é essa?

– É complicado, você não entenderia se eu explicasse.

Isabel sabia que isso não era verdade. Sua mãe tinha o dom de conseguir lhe explicar coisas complicadas de forma que pudesse entender. Até mesmo o divórcio com o seu pai lhe foi explicado de forma bastante compreensiva. Isabel tinha apenas sete anos, mas realmente entendeu os motivos pelos quais seu pai decidiu sair de casa, e o perdoou sinceramente. Na verdade, ela mesmo sentia às vezes que queria sair dali. Principalmente depois da separação, quando o número de cartas aumentou e a mãe se tornava cada vez mais reclusa.

Percebendo o desapontamento no rosto da filha, disse:

- É um programa de computador que a mamãe está fazendo. Serve para impedir que outros programas troquem informações entre si. Existem alguns computadores por aí que estão com defeito, e não estão funcionando como deveriam, e aí a mamãe e seus colegas precisam impedir que eles causem problemas para as pessoas, entendeu?

- E por que a pessoa na carta te chamou de cirurgiã? Achei que você só trabalhasse com computadores!

- É um código também, querida! - disse sua mãe, dirigindo-se à cozinha. Isabel a seguiu.

- E porque tantos códigos?

A mãe de Isabel suspirou profundamente. Apanhou um fósforo e ateou fogo à carta. Olhou para a filha e disse:

- Filha, um dia irei lhe explicar tudo que sei. Quando for mais velha e capaz de perceber certas coisas! Por enquanto, contente-se em saber que meu trabalho é muito importante e secreto!

Com o tempo, Isabel aprendeu mais sobre os cirurgiões. No entanto, não havia muito o que saber. Estavam trabalhando juntos para fazer algo relacionado a computadores interligados em rede. Falavam, nas cartas, em “guerra” contra um “inimigo invisível”. Pelo que entendeu, os próprios membros da organização eram bastante cautelosos em trocar informações. Sua mãe dizia que era por segurança, mas Isabel tinha a nítida impressão de que eles não sabiam exatamente o que estavam fazendo. Por várias vezes perguntou sobre a tal “leucotomia”, somente para ouvir

detalhes técnicos ou uma resposta do tipo: “essa parte é de responsabilidade de outra pessoa” ou “eu não sei quem está desenvolvendo essa parte”.

Então houve o acidente. Um pneu estourado levou o carro onde ambas estavam a bater em uma árvore. A mãe morreu em seus braços, antes que pudesse revelar mais dos seus muitos segredos. Isabel tinha dezoito anos quando deu a notícia para o pai, por telefone. Em resposta recebeu um convite para morar com ele no interior de Goiás, onde vivia na época. Recusou.

Ainda que tivesse sido um acidente, Isabel associou a morte da mãe aos tais cirurgiões. De alguma forma, eles eram culpados por todas as dúvidas e pela ausência com a qual teria de aprender a conviver.

Em meio a esses pensamentos, levou a mão ao pescoço em busca do escapulário, mas não o encontrou. “Desculpe, mãe!” – pensou – “Primeiro as malditas palavras, e agora sua joia!”.

As palavras. Até alguns meses atrás, fazia muito tempo que não pensava nelas. Mas então recebeu aquela carta. “Não revele as palavras!” – era só o que dizia a carta. Estava em um envelope pequeno, próximo à porta de seu apartamento. Não havia remetente, nem endereço e nem mesmo seu nome, o que significava que tinha sido entregue pessoalmente. Por um momento não entendeu nada, mas parte de seu cérebro se ativou imediatamente: “Foice”. “Faca”, “Adaga”. Seriam essas as palavras às quais a carta se referia? Mas quem ainda estaria interessado nelas, depois de tanto tempo? E quem podia saber que a mãe as havia lhe ensinado?

Não faziam sentido algum, é claro, principalmente para uma criança. Mas Isabel teve de memorizá-las e era constantemente questionada para que não as esquecesse. “São a chave de tudo!” – dizia a mãe. Não podiam ser reveladas a ninguém antes do momento certo. Alguém viria procurá-la, alguém que saberia fazer uso das palavras. Mas até então, Isabel deveria prometer não revelá-las a ninguém.

Levantou-se e notou que não sentia dores. Inspeccionou a pequena cela, e notou suas roupas de trabalho dobradas cuidadosamente em uma cômoda ao lado da cama. Revirou-as em busca do escapulário, mas não o encontrou. Havia também uma pia metálica e um pequeno espelho de plástico. Aproximou-se e olhou-se no espelho antes de lavar o rosto.

Seus olhos amendoados estavam um pouco inchados. Provavelmente tinha dormido por várias horas, pois sentia-se descansada e bem disposta, ao menos fisicamente. Os cabelos negros levemente ondulados caíam por sobre os ombros, e pareciam estar limpos e perfumados. “Primeiro me torturam, e depois lavam meu cabelo!” – o pensamento lhe soou engraçado.

Nesse momento, sentiu um cheiro delicioso vindo de fora da cela. Uma luz se acendeu em um corredor ao lado, e um rapaz jovem de cabelos ruivos e óculos apareceu com uma bandeja de comida.

– Oh, vejo que a senhora despertou! – disse o rapaz. – Sente-se bem?

Irritada com a pergunta, Isabel respondeu:

– Comparado com quando eu estava sendo torturada? Sinto-me ótima, obrigada!

– Me desculpe. Eu não deveria conversar com a senhora! Por favor, afaste-se da porta para eu lhe passar a bandeja.

E empurrou a bandeja através de uma portinhola no meio da porta da cela.

– A senhora pode deixar a bandeja no mesmo local depois que terminar! – E saiu pelo mesmo corredor pelo qual havia entrado.

Era uma refeição simples – arroz, feijão, carne moída e abobrinha refogada, acompanhada por chá preto gelado – mas lhe pareceu perfeita para saciar a fome que não estava sentindo até alguns segundos atrás. Terminou-a rapidamente, e antes que pudesse se levantar para depositar a bandeja de

volta ao local de onde a retirou, ouviu novamente um barulho no corredor. Era Matias.

- Boa noite, senhorita! – disse.

- É noite? Não percebi! – respondeu rispidamente.

- Sim, quase madrugada, na verdade. Você dormiu mais de três horas! Espero que esteja se sentindo bem! Aprovou sua refeição?

- Estava ótima, obrigada. – Sentiu novamente o inegável conflito entre a aparente bondade do homem e a estranha situação em que se encontrava.

- Muito bom, muito bom. Tenho boas notícias. Você vai para casa! Obrigado por dizer as palavras certas!

Isabel não tinha ideia de como ele sabia que ela não tinha mentido. Se bem que – pensou – uma pessoa teria de ser muito corajosa, ou louca, para arriscar a voltar para aquela sala. Apenas fez um sinal positivo com a cabeça.

- Vou sair para você poder se trocar.

Antes de sair, porém, virou-se e disse:

- Ah, antes que eu me esqueça, eu queria pedir desculpas por tudo isso.

Isabel ficou atônita. Matias se aproximou da grade e disse em voz baixa, olhando para os próprios pés:

- Eu realmente não tenho culpa! Apenas faço o que me mandam. Se fosse por mim, teria simplesmente pedido sua colaboração! Se não quisesse nos ajudar, paciência, buscaríamos nossas respostas em outro lugar.

Levantou os olhos e continuou:

- Acredite ou não, eu conheço cada pessoa que trabalha aqui, sei que são pessoas honestas e interessadas no bem comum. Mas infelizmente há essa política, errada na minha opinião, de que não se pode revelar algumas informações para o público. Ou mesmo para alguns de nós. – disse essa última frase entre os dentes. – Não vejo porque você não iria querer nos ajudar, se soubesse se tratar de algo de interesse para a

sociedade! Diga-me, você realmente acredita que existe algo ou alguém contra quem lutar? – perguntou Matias.

- Já disse, eu não sei do que está falando! Eu...

Era verdade. Não sabia que “luta” era aquela, eram coisas da sua mãe. Mas ela sabia as palavras, e para aquele homem isso deveria soar como uma prova de que estava mentindo.

- Não sei o que dizer! – disse finalmente.

- Há algo que está escondendo de mim?

Isabel pensou imediatamente na carta e no aviso que continha.

- Não!

Matias olhou-a por alguns segundos, certamente buscando algum sinal de mentira. Pensou ter visto em seu semblante alguma reação. Mas novamente ponderou que se ele quisesse extrair dela alguma informação, teria tido sucesso na outra sala.

- Está certo! – disse, e juntou os lábios parecendo genuinamente desapontado. Tirou uma chave do bolso e abriu a porta da cela.

- Assim que tiver se trocado, estarei no fim do corredor lhe esperando. – e saiu.

A cela não tinha paredes, o que a fez se sentir levemente constrangida ao trocar de roupa, ainda que não houvesse ninguém à vista. Assim que terminou, saiu.

Matias a acompanhou até um sedã preto estacionado em uma garagem no subsolo do prédio em que estavam. Pediu que ela se sentasse no banco de trás, enquanto ele mesmo se dirigia ao assento do motorista.

As janelas eram bastante escurecidas, e por ser noite Isabel não conseguiu reconhecer em que parte da cidade estavam, pois estavam trafegando por ruas pouco iluminadas. Depois de cerca de trinta minutos, durante os quais não trocaram palavras, chegaram à Avenida do Estado, o que

indicava que estavam relativamente perto de sua casa. Quinze minutos depois, o carro parou.

- Sem ressentimentos? - disse Matias, estendendo a mão.

Isabel estendeu a mão também, mas com a palma virada para cima.

- Meu escapulário. - disse.

Matias deu um sorriso e pegou a joia no bolso do paletó. Entregou-o e a viu virar as costas sem dizer palavra alguma.

Aguardou ela sumir de vista após atravessar o jardim iluminado do luxuoso prédio de apartamentos, para depois movimentar o carro. Segurando o volante com apenas uma das mãos, apanhou o celular do bolso com a outra mão e tocou com a ponta do dedo em um ícone verde-claro. Na tela do aparelho apareceu um mapa das ruas próximas com um ponto verde que marcava a localização exata de Isabel, se afastando da seta azul que representava seu carro.

“Detesto esse serviço!” - pensou antes de guardar o celular no bolso e seguir rumo à sua própria residência.